

Artigo

Feminino, feminilidade e relação mãe-filha em psicanálise a partir da literatura de Elena Ferrante

Júlia Lopes Martins; Flavia Lana Garcia de Oliveira; Carlos Alberto Ribeiro Costa

Resumo. O presente artigo busca explorar a incidência da feminilidade (*Weiblichkeit*), a elaboração da sexualidade feminina (*Weiblichsexualität*) e a ambivalência afetiva nas relações primárias relação mãe e filha. Para tal, lançará mão das teorias freudianas a partir da teoria da clínica psicanalítica e de uma interlocução com um romance da escritora italiana Elena Ferrante. Primeiramente, será trabalhada a lógica do inconsciente, assim como a pertinência da clínica e de possíveis incursões na literatura para apreensão de conceitos fundamentais da teoria psicanalítica. Em seguida, serão abordados marcadores mais precisos da constituição feminina, enfatizando a configuração afetiva que caracteriza o funcionamento pré-edípico. Ao longo destes desdobramentos, serão apresentados fragmentos da literatura mencionada que podem lançar luz sobre os impasses da relação mãe e filha, destacando o valor de aplicação clínica das passagens.

Palavras-chave: feminilidade; sexualidade feminina; ambivalência afetiva; clínica psicanalítica.

Femenino, feminidad y relación madre-hija en psicoanálisis a partir de la literatura de Elena Ferrante

Resumen. Este artículo busca explorar la incidencia de la feminidad (*Weiblichkeit*), la elaboración de la sexualidad femenina (*Weiblichsexualität*) y la ambivalencia afectiva en las relaciones primarias madre-hija. Para ello, hará uso de teorías freudianas desde la teoría de la clínica psicoanalítica y una interlocución con un romance de la escritora italiana Elena Ferrante. Primero, se trabajará la lógica del inconsciente, así como la pertinencia de la clínica y de posibles incursiones en la literatura para la aprehensión de conceptos fundamentales de la teoría psicoanalítica. A continuación, se abordarán marcadores más precisos de la constitución femenina, enfatizando la configuración afectiva que caracteriza el funcionamiento preedípico. A lo largo de estos desarrollos, se presentarán fragmentos de la literatura mencionada que pueden arrojar luz sobre los impasses en la relación madre-hija, destacando el valor de aplicación clínica de los pasajes.

Palabras-clave: feminidad; sexualidad femenina; ambivalencia afectiva; clínica psicoanalítica.

* Psicóloga do Hospital Samaritano de Botafogo. Pós-graduanda em Psicologia Hospitalar pelo Albert Einstein Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa, Niterói, RJ, Brasil. E-mail: jusardinha@id.uff.br

** Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: flavialanaoliveira@id.uff.br

*** Psicanalista. Professor Adjunto do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Subjetividade da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: costacarlos@id.uff.br

Feminine, femininity and mother-daughter relationship in psychoanalysis through the literature of Elena Ferrante

Abstract. This article aims to explore the incidence of femininity (*Weiblichkeit*), the development of female sexuality (*Weiblichsexualität*), and the affective ambivalence in primary mother-daughter relationships. To do so, it will draw upon Freudian theories from the field of psychoanalytic clinical theory and engage with a novel by Italian writer Elena Ferrante. At first, the logic of the unconscious will be examined, as well as the relevance of clinical practice and possible forays into literature for grasping fundamental concepts of psychoanalytic theory. Subsequently, more precise markers of feminine constitution will be addressed, with emphasis on the affective configuration characterizing pre-Oedipal functioning. Throughout these unfoldings, literary fragments will be presented to shed light on the impasses within the mother-daughter relationship, highlighting the clinical application value of the passages.

Keywords: femininity; female sexuality; affective ambivalence; psychoanalytic clinic.

Féminin, féminité et relation mère-fille en psychanalyse à partir de la littérature d'Elena Ferrante

Résumé. Cet article cherche à explorer l'incidence de la féminité (*Weiblichkeit*), l'élaboration de la sexualité féminine (*Weiblichsexualität*) et l'ambivalence affective dans les relations primaires mère-fille. À cette fin, il utilisera les théories freudiennes de la théorie de la clinique psychanalytique et une interlocution avec un roman de l'écrivaine italienne Elena Ferrante. Dans un premier temps, la logique de l'inconscient sera travaillée, ainsi que la pertinence de la clinique et de possibles incursions dans la littérature pour l'appréhension des concepts fondamentaux de la théorie psychanalytique. Ensuite, des marqueurs plus précis de la constitution féminine seront abordés, en insistant sur la configuration affective qui caractérise le fonctionnement pré-œdipien. Tout au long de ces développements, seront présentés des fragments de la littérature précitée pouvant éclairer les impasses de la relation mère-fille, mettre en évidence la valeur d'application clinique des passages.

Mots-clés: féminité ; sexualité féminine ; ambivalence affective ; clinique psychanalytique.

Introdução

Muito é dito sobre a maternidade, sobre o amor incondicional de mãe e sobre o chamado “instinto materno”. O estudo psicanalítico detido sobre esse assunto contraria o que é comumente difundido. Em sua conferência sobre a sexualidade feminina, Freud (1931/2021) desmente essa noção de amor puro e incondicional, especificamente na relação entre a mãe e sua filha mulher, mostrando clinicamente que essa ligação é permeada de sentimentos complexos e ambivalentes de amor e ódio. Esse trabalho visa justamente apreender algo dessa complexidade, que fura a imagem idealizada da relação entre mãe e filha, a partir do referencial psicanalítico. As concepções freudianas em torno da feminilidade (*Weiblichkeit*), da sexualidade feminina (*Weiblichsexualität*) e da ambivalência afetiva serão o foco de nossas elaborações. Mas como especificar melhor a questão e o modo de encaminharmos essa temática?

Para que seja possível entender a natureza dessa ambivalência e suas repercussões na constituição feminina, é importante seguir as descobertas que Freud fez sobre o “enigma da feminilidade” (Freud, 1933/2021j). Primeiramente, torna-se necessário compreender que a

constituição feminina difere da masculina. Essa constatação não é óbvia em termos de consequências psíquicas, e é um ponto importante quando se analisa a diferença entre a relação mãe-filho e a relação mãe-filha. Se a anatomia é o destino, as diferenças entre os corpos e a presença ou não do pênis são fatores que não devem ser desconsiderados. Eles deixam profundas marcas na organização psíquica (Freud, 1924/2020d).

As ambiguidades na relação entre mãe e filha foram exemplificadas pelo próprio Freud em uma vinheta clínica que abordaremos mais adiante. Além disso, elas são centrais no trabalho da autora literária italiana Elena Ferrante. Sua obra sofreu forte influência psicanalítica (Ferrante, 2013). O título do romance que será mencionado neste estudo, *Um amor incômodo* (Ferrante, 1999), deriva diretamente do ensaio *Sobre a sexualidade feminina* (Freud, 1933/2021j), no qual Freud caracteriza o pai como um “rival incômodo” por disputar o amor da mãe com a filha (Ferrante, 2013). A narrativa conta a história de Delia, mulher de quarenta e cinco anos que, após a morte da mãe, Amália, começa a refletir sobre a intensa luta entre o amor e o ódio simultâneos que nutriu violentamente pela mãe enquanto ela estava viva. Exemplos clínicos centrais encontrados na teoria psicanalítica podem ser observados na história de Ferrante de forma ilustrativa. O ódio e a hostilidade são expostos de forma explícita, como podemos observar no seguinte trecho:

Minha mãe, que havia anos existia apenas como uma obrigação incômoda, às vezes como um tormento, estava morta. Porém, enquanto eu esfregava vigorosamente o rosto, especialmente em torno dos olhos, percebi com uma ternura inesperada que, na verdade, Amália estava sob minha pele, como um líquido quente que havia sido injetado sabe-se lá quando (Ferrante, 1999, p. 105).

Pode-se perceber nesta passagem que a autora consegue colocar em palavras parte da relação com os pais que foge ao idealizado, contando com a habilidade que o romancista tem de se expressar artisticamente de forma menos censurada do que os leitores (Freud, 1907/2021b). Deste modo, nosso tema acerca da complexidade da relação entre mãe e filha, que o romance familiar a que Freud (1909/2021d) se refere pode ser entendido como uma narrativa a ser lida tanto na clínica psicanalítica, quanto no que as interlocuções entre psicanálise e literatura permitem lançar luz sobre ela. Até mesmo o elemento central do estudo das teorias das neuroses, o complexo de Édipo, origina-se da tragédia de Sófocles, *Édipo Rei* (427 a.C.). Freud (1928/2021h) diz que o destino inevitável vivido pelo protagonista do drama era a atualização de seu inconsciente na realidade, de modo que a ausência da consciência o tornasse alheio aos acontecimentos. Ou seja, Sófocles registrou indícios do inconsciente na literatura séculos antes de sua teoria. Freud recolheu esses elementos de forma viva e decidida para construir seu método de investigação clínica sobre a causalidade psíquica.

A literatura se mostra uma ferramenta interessante para ajudar a sistematizar conceitos básicos da psicanálise e demonstrar aspectos práticos da clínica utilizando esses operadores, além de permitir observar características da estrutura neurótica no romance familiar. A psicanálise está intimamente entrelaçada à escrita não só através dos exemplos que Freud usava para consolidar sua teoria, mas na sua própria estrutura (Freud, 1900/2020a). Logo, a dinâmica inconsciente prevalente na relação entre mãe e filha poderá ser investigada com o método

psicanalítico e, apesar de o romance não equivaler a um caso clínico (Alberti, 1996/2016), ele pode ser lido como um.

A relação do inconsciente com a escrita sob a ótica da fantasia como realidade psíquica

O inconsciente se encontra ligado à escrita, como o próprio Freud propõe em seu tratado sobre os sonhos (Freud, 1900/2020a). A estrutura da psicanálise, portanto, se apoia na palavra e na escrita já em sua formação, como será discutido a seguir. Na teoria dos sonhos (Freud, 1900/2020a), o autor sugere que o material do sonho, muitas vezes tido como sem sentido, pode ser interpretado efetivamente por meio da prática analítica. A característica que leva à incompreensão desse material deriva do fato de o conteúdo se encontrar codificado por mecanismos psíquicos primários e inconscientes muito sofisticados: a condensação e o deslocamento.

Na condensação, muitos elementos dos chamados “pensamentos do sonho” são agrupados em um só elemento, que aparece como conteúdo manifesto. Esse conteúdo pode aparecer em forma de palavra escrita no sonho, da qual várias outras palavras derivam de forma condensada. Ou seja, a própria grafia da palavra aparece de forma relevante na clínica. E não só a palavra falada, mas também a palavra escrita, pois apesar de terem o mesmo som, algumas palavras não possuem a mesma escrita, e essa diferença pode surgir como uma sutileza de grande importância na análise do material. Freud ainda ressalta a importância de interpretar o texto gramatical no conteúdo onírico quando afirma que “a análise de formações de palavras sem sentido no sonho é particularmente adequada para demonstrar as condensações realizadas no trabalho do sonho” (Freud, 1900/2020a, p. 346).

No mecanismo do deslocamento, há a transferência de intensidade de um elemento do material onírico para um outro, não preservando, assim, o valor psíquico de certos elementos:

Na formação do sonho, esses elementos essenciais, destacados com interesse intenso, podem ser tratados como se fossem de valor inferior, e seu lugar no sonho passa a ser ocupado por outros elementos que eram certamente de valor inferior nos pensamentos oníricos (Freud, 1900/2020a, p. 348).

Essa transferência de intensidade é responsável pela diferença textual entre o conteúdo do sonho e os pensamentos oníricos, ou seja, responsável, junto com a condensação, pela deformação da narrativa do material (Freud, 1900/2020a). Para que seja possível a investigação e decodificação do material latente, é preciso que haja uma tradução dessa narrativa para a produção da relação simbólica entre o que foi manifestado no sonho e o que esteve latente como pensamento do sonho (Freud, 1916/2021e). Assim, depreende-se que há uma estrutura textual envolvida nesse processo, que precisa de leitura, interpretação e tradução.

Ainda sobre a questão textual, no início de suas investigações, quando tentava decifrar a origem das psiconeuroses, Freud deduz que uma espécie de transcrição de traços mnêmicos acontecia no aparelho psíquico, formando, assim, os registros perceptivo, pré-consciente e inconsciente. No entanto, quando a produção de desprazer não permitia a tradução, ocorreria uma falha que resultaria no recalçamento desses traços (Freud, 1896/1996). Logo, percebe-se

que processos inconscientes sempre estiveram ligados a noções de escrita, seja no desenvolvimento da teoria dos sonhos, seja na descoberta do funcionamento do aparelho psíquico, e até mesmo nos atos falhos que podem aparecer de forma escrita. Os atos falhos escritos se apresentam como forma irrefutável do funcionamento inconsciente. Freud diz ainda que o lapso de escrita em especial demonstra que o ato falho não ocorre por falta de atenção, uma vez que o sujeito teve a oportunidade de reler o que foi escrito e mesmo assim não percebeu o “erro”. Isso mostrava que o que foi registrado remetia a um pensamento que realmente se apresentava de forma inconsciente (Freud, 1916/2021f).

Freud afirma que o poeta tem acesso mais fácil à fantasia inconsciente e, assim, pode contornar melhor alguns conceitos que a psicanálise não consegue ainda explicar (Freud, 1933/2021j). Lacan (1953/2008, p. 25) destaca o papel do poeta ao afirmar que:

Pode-se dizer de Goethe que, por sua inspiração, sua presença vivida, ele impregnou e animou extraordinariamente todo o pensamento freudiano. Freud reconheceu que foi a leitura dos poemas de Goethe que o lançou nos seus estudos médicos e decidiu, ao mesmo tempo, seu destino, mas isso é pouco perto da influência de Goethe sobre sua obra. Portanto, é com uma frase de Goethe, a última, que exprimirei o motor da experiência analítica, com as tão conhecidas palavras que ele pronunciou antes de afundar, de olhos abertos, no buraco negro: *Mehr Licht!* (“Mais luz!”).

Ressaltamos, assim, a potência presente na narrativa literária de tocar de forma privilegiada a lógica do inconsciente, bordeando o real do gozo em sua trama articulada organizada pela escrita. No decorrer do desenvolvimento humano, a fantasia é usada para dar suporte ao imaginário psíquico ao propagar símbolos como, por exemplo, mitos e contos de fada (Freud, 1916/2021e). A criação literária, assim como a fantasia, com frequência tem sua gênese associada a memórias infantis, sendo possível, então, recolher experiências próprias do autor durante a narrativa. Isso é material importante para o psicanalista, que busca investigar a realidade psíquica que se expressa na vida do sujeito sob a forma de fantasia (Freud, 1908/2021). Tal exercício se mostra proveitoso ainda em *O delírio e os sonhos na Gradiva* (Freud, 1907/2021b), quando Freud examina longamente uma obra literária que relata um sonho e um delírio. A partir daí, faz considerações práticas utilizando conceitos analíticos, concluindo que o romancista consegue voltar sua atenção para o próprio inconsciente e expressá-lo artisticamente (Freud, 1907/2021b). A fantasia funciona como corretor de uma realidade que não é completamente satisfatória (Freud, 1908/2021c) e, assim, atua como realidade psíquica do sujeito, um terreno intermediário que não corresponde à realidade factual, mas que também não rompe com ela completamente (Freud, 1917/2021g). Logo se mostra fundamental na estrutura do sujeito neurótico e, conseqüentemente, para o método clínico em psicanálise.

A especificidade da ambivalência afetiva na relação mãe e filha como consequência do desenvolvimento sexual feminino

Em toda sua obra, Freud fala sobre conflitos existentes no romance familiar e, em específico, na relação com os pais. A hostilidade se apresenta já na criança de pouca idade, que tende a criticar os pais e apresentar preferências direcionadas a outros em diversos aspectos

(Freud, 1909/2021d). No entanto, o autor nota que a hostilidade da criança do sexo feminino em relação à mãe é de natureza diferente da do menino, apresentando uma maior intensidade ou mais dificuldade na resolução dos impasses inerentes a esse laço libidinal:

Portanto, a intensa ligação da menina com sua mãe tem de ser fortemente ambivalente, e, secundada por outros fatores, precisamente essa ambivalência a impele ao afastamento; ou seja, também devido a uma característica geral da sexualidade infantil (Freud, 1931/2021i, p. 386).

O que imediatamente se nota é que a natureza das relações é mesmo diferente: na relação mãe e filha, as duas são mulheres, logo, sua constituição psíquica e corporal são diferentes das do homem. Assim, para entender melhor a origem e as consequências de relação tão intensa, é preciso analisar atentamente as questões a respeito da feminilidade (*Weiblichkeit*) e da sexualidade feminina (*Weiblichsexualität*), que já se apresentavam como um desafio para Freud durante a construção de sua teoria. O complexo de Édipo, inicialmente concebido de acordo com a observação clínica do desenvolvimento masculino, não abrange completamente esses dois pontos, ou seja, essa discussão ultrapassa o que já era conhecido do período edípico. Não à toa Freud delega a tarefa de pesquisa da feminilidade aos escritores e à ciência, por se tratar de um “continente sombrio” quase impossível de descrever (Freud, 1933/2021j).

Para realizar esse percurso de forma mais fluida e ilustrada, indicaremos passagens do romance de Elena Ferrante, *Um amor incômodo* (Ferrante, 1999). O romance em questão tem início com a narrativa de Delia sobre o enterro de sua mãe, um pouco depois de receber o telefonema que informava sua morte. As lembranças de sua infância ao lado de Amália a invadem, o que faz com que ela comece a questionar a natureza de sua relação com a mãe, mãe esta que exercia tanto poder e fascínio sobre ela e, por conta dessa atração-repulsão, esteve sempre presente de forma marcante na história de sua vida. O amor e o ódio que a protagonista sente pela mãe aparecem de diversas formas, inclusive na aversão que sentia pelo dialeto que sua mãe utilizava para se comunicar, a mesma língua de sua infância conflituosa:

Nos sons que eu articulava de forma desconfortável havia o eco das brigas violentas entre Amália e meu pai, entre meu pai e os parentes dela, entre ela e os parentes do meu pai. Impaciente, eu logo voltava ao meu italiano, e ela se acomodava em seu dialeto. Agora que Amália estava morta e eu podia apagá-lo para sempre, junto à memória trazida por ele, senti-lo em meus ouvidos me deixava ansiosa (Ferrante, 1999, p. 77).

Vale destacar que o desprezo sentido pelo dialeto da mãe reflete o lugar depreciado em que a filha tentava colocar a mãe, como uma lembrança a ser esquecida. Os ecos desse conflito reverberam na sua relação com a família, com a cidade, com a língua e, principalmente, na sua relação com a sexualidade.

Para que esses sentimentos hostis da menina para com a mãe ganhem contorno, é necessário voltar a atenção para o papel fundamental da figura materna e a influência do período pré-edípico na constituição feminina. A mãe é o primeiro objeto de amor da criança, independentemente de seu sexo. Elena Ferrante descreve esse amor que, apesar de ser infantil, opera com intensidade na realidade psíquica da criança:

Eu amava Caserta com a intensidade com que imaginava que minha mãe o amasse. E eu o detestava, porque a fantasia daquele amor secreto era tão vívida e concreta que eu sentia que jamais poderia ser amada da mesma maneira: não por ele, mas por ela, por Amália (Ferrante, 1999, p. 162).

A sexualidade feminina nunca se mostrou um assunto fácil, sendo o conhecimento do desenvolvimento feminino costumeiramente definido como “obscuro e insuficiente” (Freud, 1924/2020d, p. 211), quando comparado ao masculino. Na obra freudiana, algumas menções e explicações rápidas aparecem entre 1905 e 1924, quando Freud demonstra descobertas acerca da sexualidade infantil e adulta em pessoas do sexo masculino. De acordo com a teoria freudiana, há uma fase fálica no desenvolvimento infantil, durante a qual impera a primazia do falo como recurso para responder à angústia ligada ao encontro com a diferença sexual. Nesse tempo, as crianças explicam as distinções anatômicas entre os sexos a partir de uma divisão entre fálcos e castrados que opõe quem possui o pênis a quem não o tem, ou o perdeu (Freud, 1924/2020d). No entanto, nesse momento, Freud ainda não descobriu a devida importância que esse fator possui no desenvolvimento da criança do sexo feminino.

Cerca de duas décadas após seus ensaios sobre a sexualidade (Freud, 1905/2021a), Freud abre um caminho mais claro a respeito da sexualidade feminina (*Weiblichsexualität*) na direção da organização da vida pulsional pela lógica fálica, mesmo que admita ainda se tratar de um conhecimento inacabado. Demonstra que, quando se depara com o genital masculino, a menina o compara com o seu clitóris, visto como um membro menor, e conclui que vive em clara desvantagem. Assim, Freud traz a organização fálica também para o desenvolvimento feminino, afirmando que a anatomia suscita marcas profundas no desenvolvimento psíquico e não funciona como apenas um acessório. Logo que conclui sua inferioridade anatômica, a menina começa a aguardar que seu “pequeno pênis” cresça até se equiparar ao do menino, desenvolvendo o chamado “complexo de masculinidade”. Ou seja, ela ainda não simbolizou a vagina como um órgão sexual completo, mas sim como algo insuficiente. Pensa que perdeu o órgão que possuía antes ou que ele ainda irá se desenvolver de forma a tornar o seu corpo completo (Freud, 1924/2020d).

Essa percepção não acontece sem consequências psicológicas. Por também funcionar sob a lógica fálica, a menina se vê como castrada ao reconhecer a superioridade do órgão sexual masculino e, com isso, desenvolve uma inveja do pênis (*Penisneid*) ao se dar conta de que não possuirá um. Devido a essa conclusão, ela já se constitui como faltante, sem ter a expectativa de perder uma coisa que nunca possuiu: “a menina aceita a castração como fato consumado, enquanto o menino teme a possibilidade da consumação” (Freud, 1924/2020d, p. 212). Esse é o ponto central em que os desenvolvimentos das posições masculina e feminina começam a se diferenciar, já que antes a garota é tida como um “pequeno homem” (Freud, 1933/2021j, p. 271), tendo o clitóris como zona genital diretora.

Com essas descobertas, Freud conclui que o complexo de Édipo da menina só pode ser diferente do menino. Não está presente em sua fantasia o medo da castração e isso gera consequências na entrada e na saída do complexo. O autor se depara com a questão de como a menina sairia do Édipo e ultrapassaria a organização genital infantil sem o medo da castração. O que ele descobre é que a ela não aceita esse fato consumado sem resistência: ela permanece esperando que seja compensada de algum jeito e, por isso, não encerra o complexo de Édipo de

vez, mas o abandona aos poucos quando percebe que essa compensação provavelmente nunca chegará (Freud, 1924/2020d).

Todavia, essa operação representa um desafio na vida da menina, pois, para completar seu desenvolvimento, precisará realizar a troca de objeto, se voltando para o pai como novo objeto de amor. Lançada essa problemática, Freud inicia uma investigação para entender o que leva a criança do sexo feminino a ser bem-sucedida no abandono desse objeto. Ele também lança luz sobre o período pré-edípico da menina, antes do encontro com a castração (Freud, 1925/2020e). Durante esse período, ao se deparar com a constatação de que não possui um pênis, a menina desenvolve o *penisneid*, podendo se apegar à ideia de que o seu membro virá a crescer. Algumas consequências importantes decorrem desse apego. Muitas vezes, há um afastamento da sexualidade em geral; um crescente desprezo pela condição feminina e pela mulher, não fálica, e, principalmente, a culpabilização da mãe por não tê-la aparelhado de forma suficiente (Freud, 1925/2020e). Eis uma nova passagem da produção literária de Ferrante:

Talvez eu não tolerar que a parte mais secreta de mim usasse aquela sua solidariedade para validar uma hipótese cultivada igualmente em segredo: a de que minha mãe levava inscrita no corpo uma culpa natural, independentemente da sua vontade e das suas ações, aparecendo prontamente quando necessário, em cada gesto, em cada suspiro (Ferrante, 1999, p. 105).

Essa culpa inscrita no corpo pode ser entendida como a culpa intrínseca à condição de mulher castrada que, por consequência dessa condição, se torna responsável pela constituição faltante da menina. O desprezo pela sua condição de mulher afasta a criança da masturbação clitoridiana, presente enquanto ela ainda se comportava como um pequeno homem. Essas duas últimas consequências são de importância central por dois motivos: ao culpar a mãe por seu infortúnio, a relação entre mãe e filha sofre um afrouxamento decisivo para que ocorra a troca de objeto e, por outro lado, o abandono da masturbação do clitóris auxilia que a garota continue seu desenvolvimento sexual, acarretando na troca da zona genital diretora – do clitóris para a vagina (Freud, 1925/2020e).

Apenas após a troca para a vagina a garota consegue concluir a troca de objeto. Mas esse caminho não acontece de forma simples e linear. Todas essas mudanças e contingências ocorrem no período pré-edípico. Ao entrar no Édipo, existem três caminhos mais comuns a serem seguidos. Em um primeiro, pode ocorrer o afastamento geral da sexualidade, quando se abandona a masturbação clitoridiana. Em uma segunda cena, a criança pode vir a se apegar insistentemente à ideia de que conseguirá obter o pênis de alguma forma, se recusando a renunciar à masculinidade. O terceiro caminho possível é quando a menina consegue permanecer no desenvolvimento sexual feminino tido como normal e realizar a troca do objeto da mãe para o pai. É importante ressaltar que o complexo de masculinidade por si só é fundamental para que se obtenha sucesso no desenvolvimento, pois a fantasia da obtenção do pênis, em um primeiro momento, é essencial para que haja as trocas necessárias. No entanto, a recusa ao desapego dessa ideia é o que afasta a menina do desenvolvimento normal (Freud, 1931/2021i).

Um entrave que surge na realização da troca do objeto, e que é fator importante para o presente estudo, é que muitas vezes a força da ligação da mãe com a filha não permite que haja o afastamento necessário para a virada para o pai:

Naturalmente sabíamos que tinha havido um estágio de ligação com a mãe, mas não que podia ser tão rico em conteúdo, durar tanto e deixar tantos ensejos para fixações e predisposições. (...) Quase tudo o que achamos na relação com o pai já estava presente naquela, e depois foi transferido para o pai. Em suma, adquirimos a convicção de que não podemos compreender a mulher se não considerarmos esta fase de ligação pré-edípica com a mãe (Freud, 1933/2021j, p. 273).

Nesse momento, Freud tem a dimensão da força que o período pré-edípico exerce na constituição feminina. Ao examinar os possíveis motivos para que haja o afastamento definitivo da mãe e porque ela consegue romper apesar da força dessa ligação, ele traz à luz alguns pontos bastante importantes. O ciúme dos outros irmãos, a ausência da consumação do amor devido aos sentimentos libidinais existentes, a vontade de fazer um filho na mãe e a desvalorização da mulher castrada são alguns motivos que levam ao afastamento entre mãe e filha (Freud, 1931/2021i).

É importante observar que essas mesmas experiências de caráter libidinal, bem como os outros motivos citados, também se encontram presentes na relação da mãe com o menino. Porém, a ligação da mãe com o filho permanece intacta. O que Freud expõe é que o principal motivo para o afastamento dela em relação à mãe e que a levaria à troca do objeto é a recriminação endereçada à mãe pela falta de compensação, como já citado. A menina se vê como um ser faltante, e responsabiliza a mãe por não ter lhe dado o que lhe era de direito (Freud, 1931/2021i).

Freud diz que, na infância, durante a masturbação infantil, provavelmente a filha pensa na mãe (Freud, 1931/2021i). A atração que a mãe exercia sobre a filha aparece durante todo o romance familiar, sua imagem ocupava os pensamentos da criança, gerando prazer. Para ilustrar, podemos observar, a seguir, uma passagem em que a protagonista revela que costumava reproduzir, quando jovem, uma cena erótica de sua mãe para seu prazer próprio:

Aquele Caserta, dizia minha mãe em um sussurro, a empurrara para um canto e tentara beijá-la. Eu, ao ouvi-la, via a boca aberta daquele homem, com dentes branquíssimos e uma língua comprida e vermelha. A língua dardejava para fora dos lábios e voltava para dentro com uma velocidade que me hipnotizava. Nos anos da adolescência, eu fechava os olhos de propósito para reproduzir a meu bel-prazer aquela cena na mente e contemplá-la com uma mistura de atração e repulsa. Mas eu o fazia com culpa, como se estivesse fazendo algo proibido (Ferrante, 1999, p. 105).

Essa ideia reforça a descoberta dos sentimentos de natureza sexual existentes nessa relação, contemplando o que Freud já havia relatado, mesmo que “pareça absurdo” (Freud, 1931/2021i, p. 391). Se a menina finalmente consegue completar as mudanças e trocas necessárias, atinge a condição feminina na sexuação, alcançando o final do seu desenvolvimento. Visto isso, é possível afirmar que todo esse processo de sexuação consiste na tentativa de apreensão e simbolização a respeito da ausência ou presença do pênis, a partir da visão da diferença

anatômica entre os sexos, quando a menina percebe que não possui o órgão sexual que deveria ou pensaria ter (Oliveira & Coelho dos Santos, 2021).

Nota-se que durante o exposto, evitou-se dizer que a criança do sexo feminino alcança a “feminilidade” (*Weiblichkeit*), como Freud denomina em seus textos anteriores a 1937. Isso não se deu sem motivo. Em 1937, quando publica *Análise terminável e interminável*, o autor chega a um novo conceito para o que chama de feminilidade, para o qual já havia dado pistas no ensaio de 1933, quando refuta a equivalência entre feminino e passivo (Freud, 1933/2021j). Em sua nova publicação, alega que a feminilidade é uma condição existente em ambos os sexos, e não só no sexo feminino. Isso ocorre porque a maior luta psíquica, tanto para o homem quanto para a mulher, é contra a passividade. Essa passividade, todavia, é constitutiva para ambos os sexos e, na análise, quando se atinge o ponto da revolta contra essa situação, ou seja, a inveja do pênis e o protesto do homem contra a posição passiva, atinge-se a “rocha básica”. Essa rocha é intransponível, e Freud diz que tentar lutar contra isso é como tentar “pregar no deserto” (Freud, 1937/2021f, p. 324).

Esse medo de reconhecer em si a feminilidade é, na verdade, o medo da castração. A análise não consegue ir além desse ponto porque se trata de algo que não pode ser simbolizado, representa o que não pode ser representado, algo que está para além do princípio do prazer. E este material não simbolizável não se reduz à condição de mulher, mas é inerente à condição de sujeito. Esse rochedo nos diz que toda a formação de sintomas neuróticos ocorre com a intenção de evitar a castração. A impossibilidade de simbolizar a castração, a revolta contra a feminilidade continua habitando o sujeito essencialmente. Assim, podemos concluir que, apesar de a sexualidade feminina operar sob a lógica fálica, a feminilidade está para além desta lógica, se localizando para além do Édipo (Coelho dos Santos, 2006).

Implicações e consequências da ambivalência afetiva para a relação entre mãe e filha

Feito este percurso, finalmente é possível discutir mais especificamente a questão da ambivalência existente na relação mãe e filha. O sentimento conflituoso entre pais e filhos em seus romances familiares é amplamente debatido na obra freudiana, Freud chega a afirmar que muitas vezes a criança dá preferência a outros pais (Freud, 1909/2021d), seja por motivos de ciúme, acusações de falta de amor ou pela falta de correspondência dos desejos libidinosos infantis (Freud, 1933/2021j). No entanto, percebe-se que a relação da menina com a mãe é alvo de muito mais hostilidade do que o percebido nas outras relações:

Portanto, a intensa ligação da menina com sua mãe tem de ser fortemente ambivalente, e, secundada por outros fatores, precisamente essa ambivalência a impele ao afastamento; ou seja, também devido a uma característica geral da sexualidade infantil (Freud, 1931/2021i, p. 386).

Isso ocorre porque a troca de objeto realizada pela menina não ocorre sem um alto grau de sentimentos hostis. Freud afirma que o ódio é o destino inevitável do fim da ligação com a mãe. A menina justamente abandona esse objeto materno porque se encontra impossibilitada de resolver todas as questões ambivalentes que a permeiam (Freud, 1931/2021i).

Torna-se valioso, então, entender de onde surge a ambivalência afetiva que se mostra tão decisiva nesse vínculo. Freud, em seus estudos sobre as pulsões, diz que um dos destinos possíveis para a pulsão é a inversão de seu conteúdo. Tomando este ponto de partida, a inversão do amor para o ódio se mostra como “o mais significativo exemplo de ambivalência afetiva” (Freud, 1915/2020c, p. 72), visto que os dois coexistem em direção a uma mesma pessoa. Resumidamente, o que ocorre é que, no início da fase do narcisismo, quando o bebê passa a conseguir diferenciar o seu Eu em relação ao mundo externo, começa a introjetar o que lhe causa prazer e a rejeitar as fontes de desprazer. Logo, o mundo externo passa a ser alvo de seu ódio. As primeiras formas de amor, antes que seja atingida a organização genital, são fortemente ambivalentes. O impulso de devorar o objeto, na fase oral, introduz o desejo de incorporar esse objeto ao mesmo tempo em que causa a sua destruição. Junto a isso, na fase sádico-anal, o ódio marca forte presença no impulso de se apoderar do objeto. Essas duas fases mostram como o amor e o ódio não estão ainda estabelecidos como um par de opostos, mas, sim, coexistem, mirando o mesmo objeto, seja para incorporá-lo, seja para destruí-lo. Apenas com a consolidação da fase genital essa ambivalência arrefece, e o amor e o ódio tornam-se opostos (Freud, 1915/2020c).

Elena Ferrante consegue demonstrar o caráter ambivalente dessa relação ao representar a face devoradora do amor que Délia sentia por Amália:

Havia histórias demais sobre as diferenças infinitas e minúsculas que a tornavam inatingível, e que, juntas, faziam de Amália um ser desejado no mundo exterior com pelo menos a mesma intensidade com que eu a desejava. Houve um tempo em que imaginei arrancar com uma mordida aquele seu dedo excepcional porque eu não tinha coragem de oferecer o meu próprio à boca da Singer. Tudo dela que não me fora concedido eu queria apagar de seu corpo. Assim nada mais seria perdido ou dispersado longe de mim, porque finalmente tudo já teria sido perdido (Ferrante, 1999, p. 77).

No trecho, a protagonista confessa claramente a sua vontade de arrancar um pedaço de sua mãe com a boca, justamente por causa da intensidade de seu amor. É evidente que, ao mesmo tempo em que ama a mãe, Délia a odeia ao ponto de estar disposta a aniquilá-la ou apagá-la. Quando ela sente essa necessidade de se apoderar do outro, demonstra que o amor que sente pode facilmente dar lugar ao ódio. Na relação das duas, o ódio e o amor existem ao mesmo tempo, logo, a relação entre elas se mostra fortemente ambivalente (Freud, 1915/2020c). Por se tratar de uma característica típica da organização pré-genital, sua fala pode sugerir que a filha ainda não se apropriou o suficiente de seus ganhos simbólicos e libidinais para atingir a fase genital de seu desenvolvimento. Ela se confunde com a mãe (o objeto) o tempo inteiro, o que indica uma dificuldade de separação de seu Eu em relação ao mundo externo, de forma similar ao que ocorre no narcisismo primário, como já visto (Freud, 1915/2020c).

Todo esse embaraço familiar culmina, justificadamente, em certa dificuldade da protagonista de se relacionar sexualmente com o alguém do sexo oposto. Ela nunca “se volta realmente para o homem” (Freud, 1931/2021i, p. 373). Durante o romance, Délia conta sobre seu empenho durante a relação sexual, sem sucesso, para atingir o prazer. Isso corrobora o que Freud explicou, quando diz que caso não haja a troca do objeto, um dos caminhos é o afastamento geral da sexualidade, e o relato de suas fantasias incestuosas envolvendo a mãe reforçam a ideia de que essa troca não havia realmente se concretizado. Esse entrelaçamento da relação parental

com a sexualidade feminina é mais uma vez colocado em evidência (Freud, 1931/2021i). Todavia, a eventualidade dessa troca não é garantia de que a relação mãe e filha será mais harmoniosa: a hostilidade permanece. No romance de Ferrante, é interessante perceber como a protagonista inicia a história rememorando os sentimentos de hostilidade direcionados à mãe durante toda uma vida, em uma tentativa quase desesperada de se separar dela:

Aquilo acontecia depois de eu ter desejado eliminar, durante anos, por ódio, por medo, todas as minhas raízes vindas dela, até as mais profundas: seus gestos, suas entonações, a maneira de pegar um copo ou de beber de uma xícara, o jeito de vestir uma saia como se fosse um vestido, a ordem dos objetos da cozinha (...) e, enfim, o idioma, a cidade, os ritmos de respiração. Tudo refeito, para que eu pudesse me tornar eu mesma e me desligar dela (Ferrante, 1999, p. 78).

Em geral, como no período pré-edípico a criança se encontra ainda tomada pelas pulsões orais e sádico-anais, compreende-se a prevalência de uma relação ambivalente. A responsabilização da mãe feita pela menina por tê-la feito mulher, porém, potencializa esse sentimento. Com a troca de objeto para o pai, poder-se-ia imaginar que os sentimentos hostis se dissipariam, mas não é o que ocorre. A menina se volta para o pai na intenção de obter uma compensação fálica pelo erro da mãe e, ao notar a mãe como uma rival, pois ocupa a posição de desejada pelo pai, os sentimentos de ódio se fortalecem: “a mãe se torna objeto de ciúme; a menina se tornou uma pequena mulher” (Freud, 1925/2020e). Além disso, as outras fontes de ressentimento, como o rancor de ter sua masturbação clitoridiana interrompida e a exigência desmedida de amor, que nunca é totalmente correspondida, continuam produzindo efeitos por toda a vida (Freud, 1933/2021j).

No entanto, esmo com todos os sentimentos de hostilidade voltados para si, a mãe deve cumprir um papel importante para auxiliar no desenvolvimento da filha. Ela não pode ceder às exigências ilimitadas de amor, e nem ao ciúme sentido pela rival em potencial. A mulher deve continuar ocupando a posição desejada pelo marido, e não deixar sua filha completá-la. Precisa continuar sendo mulher, para além de seu papel materno. Com isso, abre espaço para que a separação, o afrouxamento da relação, ocorra como previsto (Miller, 2014). O papel da mãe, então, é consentir com o afastamento da filha. As dificuldades da separação muitas vezes se mostram presentes.

Freud é explícito quanto ao valor que atribui à força da relação mãe e filha. A ligação com a imagem primeva da mãe não pode ser subestimada: essa ligação tão poderosa se apresenta como elemento central do desencadeamento de neuroses. A forma como a mulher tenta se separar da mãe aparece na clínica de diversas maneiras e é refletida também na escrita literária (Freud, 1915/2020b). No final do romance, quando a protagonista consegue, finalmente separar-se da figura materna, a autora evidencia a atitude resignada de Délia ao perceber que não resolverá a ambivalência que sempre permeou sua relação e acabando, por fim, identificando-se a ela:

Sim, era só puxar um fio para continuar a brincar com a figura misteriosa da minha mãe, ora enriquecendo-a, ora humilhando-a. Mas percebi que eu não sentia mais a necessidade de fazer aquilo e me mexi no feixe de luz exatamente como eu achava que ela se mexia (Ferrante, 1999, p. 78).

Considerações finais

O artigo procurou expor algumas considerações a respeito da complexidade que existe na relação mãe e filha utilizando vinhetas clínicas publicadas sobre o tema e trechos de produções literárias como ferramenta de auxílio com o propósito considerar o trabalho clínico e o aprimoramento teórico de conceitos. A relação entre mãe e filha é de natureza ambivalente, e isso se mostra presente não só na teoria psicanalítica de Freud, podendo ainda ser comprovada em textos da literatura que não têm objetivo psicanalítico e na prática clínica. A fantasia do escritor é campo fértil para o estudo da psicanálise e, ao ler o romance como se lê um caso clínico, consegue-se evidenciar partes da teoria freudiana que podem se mostrar de difícil compreensão. A fantasia do sujeito neurótico, apesar de ter valor de ficção, também tem valor de realidade psíquica. Ao expor sua realidade psíquica no texto escrito, torna-se mais simples entender a narrativa do romance familiar neurótico.

Lacan (1953/2008) faz uso similar do texto literário quando examina *Poesia e Verdade*, de Goethe, para explicar conceitos do mito familiar. Apesar do texto em questão ser denominado autobiografia, Lacan chama-o de “poesia ou ficção literária” (p. 31), visto que muito do conteúdo exposto não passa de fantasias do autor, não tendo acontecido de fato. O psicanalista, então, trata o texto como um caso clínico, retirando muitas considerações analíticas da realidade psíquica exposta por Goethe:

O bolo de batizado, homenagem tradicional ao pastor, não pode ser outra coisa senão uma fantasia de Goethe, que adquire assim, a nossos olhos, todo o seu valor significativo. Implica a função paterna, mas precisamente na medida em que Goethe se especifica como não sendo o pai, somente aquele que traz algo e tem uma relação apenas exterior com a cerimônia – faz de si o suboficiante, não o herói principal. De modo que toda a cerimônia de sua escapada aparece na verdade não só como um jogo, mas bem mais profundamente como uma precaução, e se insere no registro do que chamei há pouco o desdobramento da função pessoal do sujeito nas manifestações míticas do neurótico (Lacan, 1953/2008, p. 37).

Assim, mostra-se pertinente a análise de textos fictícios para a contribuição teórica e clínica. Elena Ferrante afirma que “quando o livro está terminado, é como se tivéssemos sido revistados com intimidade excessiva” (Ferrante, 2013, p. 58). Logo, mesmo que não tenha feito análise, a própria autora admite que grande parte de sua intimidade é transposta para a obra. No artigo, problemas como a ambivalência, o romance familiar e a sexualidade feminina puderam ser discutidos da forma mais rigorosa conceitualmente e ao mesmo tempo sensível às suas manifestações na vida humana.

Referências

- Alberti, S. (1996). *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Coelho dos Santos, T. (2006). *Sinthoma, corpo e laço social*. Rio de Janeiro: Sephora/UFRJ.
Recuperado de: http://www.isepol.com/down_pos/sinthomacorpoelacosocial.pdf
- Ferrante, E. (1999). *Um amor incômodo*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

- Ferrante, E. (2013). *Frantumaglia*. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Freud, S. (1996). Carta 52 (6 de dezembro de 1896). In *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (pp. 287-293). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2020a). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (2020b). Comunicação de um caso de paranoia que contradiz a teoria psicanalítica. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (pp. 195-208). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2020c). As pulsões e seus destinos. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos* (pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2020d). A dissolução do complexo de Édipo. In *O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos* (pp. 203-213). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2020e). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. In *O Eu e o Id, "autobiografia" e outros textos* (pp. 283-299). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2020f). Análise terminável e interminável. In *Moisés e o Monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos* (pp. 274-326). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (2021a). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos* (pp. 13-84). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2021b). O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen: partes I e II. In *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (2021c). O escritor e a fantasia. In *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (pp. 325-338). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2021d). O romance familiar dos neuróticos. In *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos* (pp. 419-424). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2021e). O simbolismo dos sonhos. In *Conferências introdutórias à psicanálise* (pp. 200-229). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2021f). Os atos falhos. In *Conferências introdutórias à psicanálise* (pp. 31-109). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2021g). Conferência 23: O caminho da formação de sintomas. In *Conferências introdutórias à psicanálise* (pp. 475-500). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1917).

- Freud, S. (2021h). Dostoiévski e o parricídio. In *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (pp. 337-362). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1928).
- Freud, S. (2021i). Sobre a sexualidade feminina. In *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (pp. 371-398). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2021j). Nova conferência introdutória 33: a feminilidade. In *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (pp. 263-293). São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1933).
- Lacan, J. (2008). O mito individual do neurótico. In *O mito individual do neurótico* (pp. 9-44). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1953).
- Miller, J. A. (2014). A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana Online*, 5(15), 1-15. Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf
- Oliveira, F. L. G. & Coelho dos Santos, T. (2021). O declínio da lógica do todo, a pós-modernidade e a clínica contemporânea. *Interação em Psicologia*, 17(2), 245-252. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v25i2.75815>

Revisão gramatical: Rosa Guedes Lopes
E-mail: r.guedeslopes@gmail.com

Recebido em agosto de 2023 – Aceito em julho de 2024.